



Cruzeiro Seixas filmado por Cláudia Rita Oliveira em "As Cartas do Rei Artur"

## Amores oblíquos

Par delicatessa j'ai perdu ma vie." A frase pode parecer precoce tratando-se de Rimbaud que a escreveu antes de cruzar definitivamente as portas da adolescência, mas assenta como uma luva à vida do nonagenário pintor Artur do Cruzeiro Seixas e ao amor nunca consumado nem nunca encerrado que o ligou ao poeta maior do surrealismo português, Mário Cesariny de Vasconcelos. Foi precisamente na adolescência que os dois se conheceram na Escola António Arroio, começando ali uma relação que, com aproximações e desvancimentos, os acompanharia até ao outono da vida. Não sendo um filme epistolográfico, "Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur", de Cláudia Rita Oliveira, recupera a correspondência que ambos trocaram ao longo de décadas e que os manteve ligados apesar da distância geográfica (Artur esteve em Angola entre 1951 e 1964). Através de depoimentos de Cruzeiro Seixas, de imagens de arquivo e sobretudo da inserção cirúrgica da palavra escrita, a realizadora recupera um amor entre artistas com uma dimensão de tragédia invertida (algo que está fadado a não acontecer), mas, sobretudo, resgata o destino do pintor, aparentemente votado à abdicação e ao exílio sentimental. Objeto singular no modo como instaura os seus alicerces, o filme torna num só corpo sensível mas não sentimental um conjunto de camadas de uma mesma realidade: a experiência homossexual e os seus duros interditos no Portugal de Salazar, a aventura surrealista e a turbulenta biografia das suas personagens, conjugação que fez dele um dos mais magnéticos acontecimentos deste DoeLisboa.

Também nesta edição e com alguns pontos de contacto com "As Cartas...", Sibila Lind apresentou "Como se não existisse nada", a improvável história de amor entre Querubim Lapa, pintor, ceramista e professor da escola António Arroio, e a sua aluna Susana, 37 anos mais nova. Viagem aos últimos dias de Querubim e à vida de ateliê de ambos, o filme vai simultaneamente desvelando as condições de um amor tão duradouro quanto improvável.

Se estes filmes desmistificam a ideia tão originalmente romântica de que os artistas amam de modo diferente, mostrando-os numa intimidade sem caução artística, o documentário "Mapplethorpe: Look at the Pictures", dedicado ao grande fotógrafo americano ceifado pela sida em 1989, favorece a tese de que a arte pode reinventar a experiência do amor e da sexualidade através das imagens que instaura. Contornando os pecados mais recorrentes dos *biopics* de artista (o determinismo biográfico, a glorificação descontextualizada), Fenton Bailey e Randy Barbato colocam o 'caso Mapplethorpe' no centro da fratura cultural entre as duas Américas, estabelecendo um paralelo interessante entre o tempo da legitimação da fotografia como arte 'contemporânea' e a emancipação cívica *gay* em tempos de peste. O filme segue de muito perto a génese da obra de Mapplethorpe e as suas relações com uma ideia de beleza que tanto se alimentou de experimentação como de classicismo, chamando para o retrato aqueles que ele próprio imortalizou (amigos, modelos e amantes) mas olhando a sua fulgurante intensidade a uma prudente distância. / CELSO MARTINS